FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA - FAP
CURSO DE LETRAS

FRANCISCO DAS CHAGAS DE OLIVEIRA
MARIA DOS MILAGRES DE SOUSA COELHO

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL:

Análise literária das obras de Monteiro Lobato na série "*O Sítio do Pica-Pau Amarelo*"

Chapadinha - MA
2011

FRANCISCO DAS CHAGAS DE OLIVEIRA
MARIA DOS MILAGRES DE SOUSA COELHO

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL:

Análise literária das obras de Monteiro Lobato

na série "*O Sítio do Pica-Pau Amarelo*"

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba-FAP, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Leoneide Maria Brito Martins.

Chapadinha - MA
2011

FRANCISCO DAS CHAGAS DE OLIVEIRA
MARIA DOS MILAGRES DE SOUSA COELHO

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL:

Análise literária das obras de Monteiro Lobato

na série "*O Sítio do Pica-Pau Amarelo*"

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba-FAP, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Leoneide Maria Brito Martins.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Leoneide Maria Brito Martins (Orientadora)

_____

(1º Examinador)

_____

(2º Examinador)

Aos nossos pais, amigos, parentes irmãos, e a todos aqueles que direta ou indiretamente nos ajudaram na concretização de mais esse ideal em nossas vidas. A todos que nos incentivaram, nos deram forças, acreditaram que de fato seríamos capazes de concluir com garra e determinação o curso de Letras. A todos, dedicamos esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos ter dado forças para continuar perseverando em nossos sonhos, capacidade para lutar por nossos ideais, inteligência e capacidade de concluir com êxito este objetivo.

A todos os nossos familiares, amigos e parceiros que nos ajudaram e ainda ajudam na conclusão deste sonho, com incentivos morais, dando forças para vencermos os momentos difíceis vivenciados ao longo de todo o Curso de Letras na Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP.

A todos os professores que contribuíram para nosso desenvolvimento acadêmico - científico nesta Instituição de Ensino Superior, e também a nossa orientadora professora Drª. Leoneide Maria Brito Martins.

Especialmente, aos nossos pais, pelo apoio financeiro, companheirismo e pela presença constante nos momentos felizes e difíceis desta jornada.

À Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, especialmente à professora Nony Braga, pela coragem e determinação em criar uma Instituição que possibilita qualitativamente o desenvolvimento pessoal e intelectual e profissional dos seus acadêmicos.

“Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia” [...]

Castro Alves

RESUMO

Este trabalho monográfico objetiva refletir sobre o papel que a literatura infanto-juvenil escrita por Monteiro Lobato pode desencadear ao ser trabalhada no contexto escolar, quando relacionada às representações que os personagens considerados negros desempenham em suas narrativas. Trata-se de um estudo de revisão teórica, com base em pesquisa bibliográfica, por meio de análise das obras de Monteiro Lobato, que compõem a série "*O Sítio do Pica-Pau Amarelo"*, a saber: *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia.* A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato caracteriza-se como importante referência para se compreender a representação do negro na literatura infanto-juvenil brasileira, por constituir-se de estrutura ficcional, realista e imaginária. A análise das obras *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*, escolhidas como objetos de análise desta pesquisa, podem contribuir positivamente para o desenvolvimento da leitura, mas também para a conscientização dos alunos sobre questões relacionadas ao preconceito e à discriminação racial, sobre tudo quando essa literatura é discutida de forma crítica, sob a orientação do professor. Nessa perspectiva, o estudo realizado buscou refletir sobre o papel do negro na literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato e as representações do negro nas referidas obras literárias. Destaca-se a importância de utilizá-las no espaço escolar como instrumento de subversão do preconceito racial e de conscientização da igualdade racial.

Palavras-Chave: Monteiro Lobato. Literatura Infanto-Juvenil. Leitura na Escola. Negro na literatura.

ABSTRACT

This monograph aims to reflect on the role that children's literature written by Monteiro Lobato trigger can be worked in the school context, when related representations considered that the black characters play in their narratives. This is a review of theoretical, based on literature research, through analysis of works of Monteiro Lobato, who make up the show "The Woody Woodpecker Ranch Yellow", namely: Arithmetic of Aunt Emily and Stories Nastasya. The work of the juvenile Lobato characterized as an important reference for understanding the representation of black children's literature in Brazil, for being fictional framework is realistic and imaginary. The analysis of the works, Arithmetic of Emilia and Stories Aunt Nastasya, chosen as objects of analysis of this research can contribute positively to the development of reading, but also to the awareness of students on issues related to prejudice and racial discrimination on all when this literature is critically discussed, under the guidance of the teacher. From this perspective, the study sought to reflect on the role of the black children's literature by Monteiro Lobato and representations of black in these literary works. Highlights the importance of using them in school as an instrument of subversion of racial prejudice and racial equality awareness.

Keywords: Monteiro Lobato. Children and Youth Literature. Reading School. Black literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL..... 13
2.1 Literatura infantil e juvenil brasileira..... 14

3 MONTEIRO LOBATO: o precursor da literatura infantil e juvenil brasileira..... 17
3.1 Monteiro Lobato: aspectos biográficos..... 17
3.2 Contexto histórico-literário..... 20
3.3 Produções literárias de Monteiro Lobato..... 22

4 AS OBRAS LOBATIANAS EM ESTUDO: *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*..... 26
4.1 Resumo da Obra *Aritmética da Emília*..... 26
4.2 Resumo da Obra *Histórias de Tia Nastácia*..... 27
4.3 Análise das obras *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*..... 30
4.3.1 *Aritmética da Emília*..... 30
4.3.2 *Histórias de Tia Nastácia*..... 32

5 AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO EM ALGUMAS OBRAS DA SÉRIE *O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO*..... 35

6 LITERATURA INFANTO-JUVENIL: um instrumento de conscientização no contexto escolar..... 41
6.1 O negro na literatura infantil e juvenil brasileira..... 43

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 47

REFERÊNCIAS..... 49

ANÉXOS..... 52

1 INTRODUÇÃO

Estudar e conhecer o papel do negro na literatura infanto-juvenil brasileira é mergulhar em um universo novo, onde a questão racial ainda é vista de forma preconceituosa; é discutir a realidade histórico-cultural do Brasil, colocando o negro num patamar de protagonista nos seus aspectos de grande significado e de grande contribuição para o engrandecimento da literatura brasileira, com obras de valor incalculável para a grandeza literária no Brasil.

Com este trabalho, buscou-se ter um olhar diferenciado sobre essa questão, assim como conhecer as representações do negro na obra infanto–juvenil da série *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* de Monteiro Lobato, e buscar compreender a contribuição relevante que as obras literárias proporcionam àqueles que porventura inseriram personagens negros no enredo de suas obras.

Além disso, esta temática configurou-se como relevante pela utilidade que promoverá no contexto escolar de Chapadinha e da sociedade em geral, visto que nesta etapa escolar, muitas práticas pedagógicas deixam a desejar em aspectos como a promoção da consciência crítica sobre as diferenças culturais, principalmente no que se referem à discriminação e ao preconceito racial. Trabalhar esse tema torna-se importante, já que o comprometimento do educador com as causas sociais percorrem um caminho longo com a intenção de promover um espaço de discussão sobre as questões étnico-raciais no contexto literário infanto-juvenil.

Levando em consideração a história do negro no Brasil, percebe-se que a imagem de oprimidos e de discriminados ainda permanece mesmo que de forma camuflada, por isso, olhando de outra forma percebe a importância do negro como homem/mulher, que contribuem para a formação da cultura brasileira em vários aspectos, destacando-se a literatura como forma maior de expressão de valor cultural e pessoal de cada um, poderá ser mostrado através dos tempos.

Diante desta questão, tornou-se relevante realizar um estudo sobre a representação do negro na produção literária infanto-juvenil de Monteiro Lobato, visto que este autor retrata em várias narrativas o negro de forma estereotipada e caricaturada. Sendo que o contexto histórico daquela época era marcado por contrastes sociais profundos, e o negro era condicionado a situações inferiores. Nesse sentido, a literatura de Monteiro Lobato poderia funcionar como instrumento

de denúncia ou meramente como entretenimento. Este tipo de abordagem utilizada por Lobato requer uma análise crítica e uma orientação pedagógica que aponte para uma nova perspectiva de trabalho pedagógico em sala de aula, tendo em vista que é na escola que se dá a continuidade da formação identitária da criança iniciada no contexto familiar.

Esse redimensionamento de trabalho com a literatura infanto-juvenil em sala de aula pode ser efetivado a partir da reflexão sobre a contribuição do negro na literatura infanto-juvenil como sujeito protagonista de sua história, desmistificando da mente das pessoas a imagem de sofrimento e opressão a que eram submetidos, para uma imagem de homens inteligentes, lutadores, capazes e que fazem parte da história da humanidade.

Do ponto de vista metodológico, esta monografia foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica sobre as representações do negro na literatura infanto-juvenil, tendo como foco principal a análise das obras da série *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, a saber: *Aritmética da Emilia* e *Histórias de Tia Nastácia, (Anéxos A e B)*. As representações dos personagens negros nestas obras foram analisados e discutidos à luz de teóricos como Gouvêa (2003), Zilberman (2003), Oliveira (2011), Catinari (2006), Lajolo e Ceccantini (2009), dentre outros.

Nesse sentido, a monografia está estruturada da seguinte forma: no primeiro tópico, apresenta-se um breve histórico da literatura infantil e juvenil, relacionando a origem e evolução desse gênero até o contexto atual. No segundo tópico, faz-se referência a Monteiro Lobato, em cuja pesquisa fundamenta-se a análise das representações dos personagens negros em suas narrativas. O texto compreende desde aspectos biográficos, contexto histórico-literário até a produção literária do autor. No terceiro tópico, apresenta-se o resumo das referidas obras e análise sobre as representações do personagem negro nas obras *Aritmética da Emilia* e *Histórias de Tia Nastácia*, com ênfase à forma como a personagem Tia Nastácia é referenciada nas respectivas produções literárias. Em seguida, apresenta-se uma reflexão sobre o papel da literatura infanto-juvenil como instrumento de conscientização sobre as diferenças étnico-raciais, principalmente no contexto escolar, compreendendo os aspectos históricos da origem do preconceito racial, sua relação com a prática pedagógica, mais especificamente com a representação do negro na literatura infantil e juvenil brasileira. Por fim, algumas considerações críticas são tecidas sobre a temática abordada neste estudo, com o

intuito de contribuir para estimular práticas pedagógicas que visem à conscientização sobre a importância do negro por meio da utilização de textos literários infanto-juvenis.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A literatura Infantil e juvenil consolidou-se a partir do século XVII, com a publicação de *Fábulas* e *As Aventuras de Telêmaco*, ambas escritas por Fénelon (1651-1715), consideradas as primeiras obras literárias dirigidas às crianças e jovens. Nesse período, a infância, como se conhece, não existia. As crianças eram vistas e tratadas como seres adultos (ZILBERMAN, 2003).

Sobre esse período. (ZILBERMAN, 2003, p. 15) descreve:

> Os primeiro livros escritos para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a "infância". Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedido a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Antes de Fenélon, outras obras foram publicadas nos séculos XVI e XVII, como os textos de Gonçalo Fernandes Trancoso, Geovanni Basttista Basile, La Fontaine e Charles Perrault. Ouve também publicações na Grécia e Roma Clássica, como Esopo e Fedro, na tradição das fábulas. Entretanto, todos esses textos não eram escritos diretamente para o público infantil e juvenil. Eles surgiram para atender às exigências didáticas decorrentes da ascensão da família burguesa (ZILBERMAN, 2003).

O caráter didático pretendia auxiliar a criança a se preparar precocemente para a vida adulta. O gosto do público infanto-juvenil também concorre como um dos principais argumentos utilizados para definir o que é literatura infanto-juvenil.

A defesa da produção literária especialmente dirigida a esse público começou a ganhar força a partir do século XVIII, quando o conceito de Infância adquiriu *status* na sociedade. Esse acontecimento provocou mais atenção dos diversos saberes voltados para a criança. Desse modo, a partir do século XIX o número de publicações escritas para crianças cresceu demasiadamente, em função principalmente da instituição escolar, concretizando assim uma literatura genuinamente infantil com suas obras e tradição especificas.

Apesar de o gosto literário não responder a um padrão restrito, às crianças é dado a possibilidade de escolher as obras que melhor respondam aos seus desejos de leitura. É inadmissível que uma obra literária que tenha apelo com o público de jovens e crianças seja classificada como literatura infantil e juvenil, mas também toda a tradição da literatura popular e das narrativas orais, pode ser apreciada pelo público infanto-juvenil.

Muitos autores de várias nações escreveram obras que eram lidas por crianças, dentre eles Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Charles Perrault. Estes últimos são considerados precursores da literatura infantil e de grandes obras, pois transformaram textos, contos de fadas originários de uma literatura basicamente oral e popular que atrai ainda hoje milhares de leitores.

2.1 Literatura infantil e juvenil brasileira

Os primeiros livros escritos para crianças no Brasil surgiram no final do século XIX e sofreram grandes influências da literatura européia, que tinha por finalidade adequar a criança ao padrão burguês. Ao final do século XIX, o Brasil mudou o seu regime político de Monarquia para República, configurando assim, a ascensão da classe média urbana que foi, em grande escala, responsável por certas mudanças, como por exemplo, o novo perfil dado aos livros infantis da época, ou seja, ênfase às características literárias nacionais, representadas principalmente pela linguagem e pelos personagens regionais. a literatura infantil deste contexto teve início com obras pedagógicas adaptadas de textos portugueses. Os primeiros autores brasileiros a escreverem textos destinados ao público infantil foram Carlos Jansen e Alberto Fiqueredo. (DINORAH, 1995).

A partir da década de 1920, a literatura infantil e juvenil passou a ser considerada genuinamente brasileira, com as publicações de Monteiro Lobato, inovando o repertório literário brasileiro ao criar uma literatura nacionalista, regional, própria do país, nas palavras de Cunha, “uma obra diversificada quanto ao gênero e orientação, cria este autor uma literatura centralizada em alguns personagens que percorrem o universo ficcional”. (CUNHA, 2003, p. 24).

O marco da literatura infantil brasileira é a obra Reinações de Narizinho, escrito por Monteiro Lobato em 1931, caracterizando o início da produção literária destinada ao público de crianças e jovens. O feito de Lobato encorajou a publicação

de outras obras ainda na década de 1930, como *Cazuza* (1938), de Viriato Correia e o investimento de autores da literatura dita “adulta” nas narrativas dirigidas a crianças, como Graciliano Ramos, com *A Terra dos Meninos Pelados* (1939), e posteriormente Rachel de Queiroz com *O Menino Mágico* (1969) e Clarice Lispector com *O Mistério do Coelho Pensante* (1967). (COELHO, 1995).

Nas últimas décadas a literatura infanto-juvenil tem ocupado um grande espaço em todos os meios de comunicação de vários países. É um campo amplo em desenvolvimento, no que se refere à produção literária, a consolidação de livrarias especializadas que, apesar do número pequeno, mostram que já existe um público definido e interessado. As vendas crescem de modo constante e expressivo. E o surgimento da crítica especializada, nos principais órgãos de imprensa tem contribuído bastante para desmistificar a falsa idéia de que a literatura infanto-juvenil era um gênero de segunda categoria. Contradizendo esse ponto de vista, Faria (2004, p. 19), ressalta os aspectos positivos desse gênero ao afirmar que:

> A literatura infanto-juvenil é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizar a sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria. Tornar-se leitor de literatura é um vai-vem constante entre realidade e ficção que permite avaliar o mundo e situar-se nele.

Na perspectiva evidenciada pela autora, a literatura infanto-juvenil caracteriza-se como um instrumento capaz de despertar a curiosidade do leitor e a sensibilidade artística que permite ao sujeito relacionar-se com o mundo e fazer parte dele. Há uma relação intrínseca entre realidade e ficção que permite a descoberta de experiências favoráveis ao leitor.

O campo da literatura infanto-juvenil também abrange a poesia, gênero com o qual as crianças tomavam contato apenas para memorização e declamação, o que no século XIX, passa a ser lugar para experimentações lúdicas com a palavra. Essa trajetória marca a produção de literatura infantil contemporânea de poesias e de narrativas. Cecília Meireles (1901-1964), Mário Quintana (1906-1994) e José Paulo Paes (1926-1998) são alguns dos nomes de destaque dessa produção poética para crianças, que no caso do último, também envolve elaboração de canções. (COELHO, 1995).

No que se refere à literatura infanto-juvenil brasileira, no inicio do século XX, as histórias em quadrinhos também ganharam um grande impulso, juntando-se às narrativas produzidas para crianças. No decorrer daquele século, os quadrinhos

adquiriram cada vez mais força de mercado e reconhecimento menor no ambiente literário.

Destacam-se neste contexto, *A Turma do Pererê* (1932), de Ziraldo e a *Turma da Mônica* (1935), de Maurício de Sousa, ambas surgidas na década de 1960, constituídas de narrativas em quadrinhos que obtiveram popularidade junto ao público infantil e adolescente. No caso de Ziraldo, o universo das crianças é retratado principalmente com personagens do folclore brasileiro; e, no de Sousa, principalmente com personagens urbanos. (COELHO, 1995).

A literatura infantil brasileira obteve destaque e reconhecimento internacional, oficializado com a concessão do Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante da literatura infantil e juvenil mundial, com as escritoras, Ruth Rocha (1931), Lygia Bojunga (1932), e Ana Maria Machado (1941). A partir da década de 1970 essas três escritoras se firmam no cenário da literatura infantil nacional, produzindo uma obra marcada por diferentes tratamentos ao universo infantil. No caso de Lygia Bojunga, intenso lirismo e subjetivismo marcam sua produção; e no de Ruth Rocha e Ana Maria Machado, fantasia e muito humor permeiam suas obras com variados temas, que vão do contato da criança com a linguagem e com a política. (COELHO, 1995).

Mesmo nos tempos atuais, marcados pelos avanços tecnológicos, a literatura, de modo geral, ainda tem seu espaço garantido na sociedade. No tocante à literatura destinada a crianças e jovens, ainda persiste a polêmica acerca da denominação “infantil” ou “juvenil” agregado ao termo literatura. A literatura infanto-juvenil ganhou cada vez mais força ao longo do século XX e continua se intensificando no século XXI, momento em que as publicações alcançaram características que modificaram o gênero. Configura-se como uma delas, a concepção gráfica dos livros, em que o texto escrito se amplia com o uso de muitas ilustrações, transformando a narrativa e a poesia numa envolvente mistura de linguagens que atraem cada vez mais o público jovem.

3 MONTEIRO LOBATO: o precursor da literatura infantil e juvenil brasileira

Monteiro Lobato é considerado como o escritor pioneiro da literatura infanto-juvenil brasileira. Sua trajetória de vida foi marcada por grandes acontecimentos que o tornaram um celebre autor. Na sua infância, deu-se os primeiros contatos com os livros através da influência dos seus familiares. Apesar de ter publicado inúmeras obras destinadas ao público adulto, Lobato destacou-se principalmente no cenário literário infantil. Por esse mérito, faz-se necessário abordar alguns aspectos biográficos da vida de Monteiro Lobato para melhor compreensão de sua produção literária.

3.1 Monteiro Lobato: aspectos biográficos[1]

José Bento Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato, nasceu em 1882 na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Sua mãe, Olímpia Augusta Monteiro Lobato, foi quem o alfabetizou e, posteriormente, um professor particular deu-lhe aulas antes que entrasse para a escola, aos sete anos de idade. Lobato foi, aos poucos, se apropriando dos livros pertencentes ao acervo de seu avô, mantido na própria casa.

> O início de sua relação visceral com os livros, que foi se transformando no curso de sua vida, data dessas suas primeiras leituras na infância, na biblioteca da chácara de seu avô, sobretudo dos imensos livros ilustrados que ali se encontravam. (CATINARI, 2006, p. 58).

Seu talento pelas letras foi logo demonstrado através de pequenos contos que escreveu para o jornalzinho da escola. Aos 11 anos de idade, foi transferido para o Colégio São João Evangelista e, três anos depois, foi para a cidade de São Paulo prestar exame das matérias estudadas em Taubaté. Obtendo reprovação nos cursos preparatórios, retornou à cidade natal e envolveu-se como colaborador dos jornalzinhos *Pátria*, *H* e *S* e o *Guarany*, sob o pseudônimo de Josben e Nhô Dito.

Notavelmente, Lobato sempre demonstrou muito prazer pela leitura, fato este que contribuiu para a coleção de textos e recortes que despertavam, através

[1] Os dados biográficos foram extraídos do livro, *Aritmética da Emília*. (LOBATO, 1995).
Monteiro Lobato e o projeto de educação interdisciplinar. (CATINARI, 2006).
Mais informações sobre a vida do autor podem ser consultadas nos sites www.brasilescola.com.br e www.suapesquisa.com

das abordagens literárias, seu interesse. Tão logo obteve aprovação para o curso preparatório em São Paulo, mudou-se, tornando-se estudante interno do Instituto de Ciências e Letras. Neste mesmo ano, perdeu seu pai, vítima de congestão pulmonar e, um ano depois, sua mãe, vítima de uma forte depressão. Apresentando também talento em desenho, serviu-se como caricaturista e desenhista neste mesmo período.

Lobato se formou em Direito pela Faculdade de Largo São Francisco, pois esta era uma imposição do seu avô, quem o via como sucessor administrativo de seus negócios. Mesmo cursando Direito, Lobato continuava fazendo publicações e fundou com alguns colegas de turma a Arcádia Acadêmica: passando a ser, então, elogiado pelos seus comentários marcados pela originalidade foi convidado a presidir a Arcádia Acadêmica, dois anos depois, e a colaborar com o Jornal Onze de Agosto com artigos sobre teatro. Em 1904 retornou a Taubaté Bacharel em Direito. Um ano depois passou a dedicar-se à promotoria de Taubaté e conheceu Maria Pureza da Natividade ou “Purezinha” como a chamava carinhosamente e com quem veio a se casar após tornar-se promotor público. (CATINARI, 2006).

Em 1909, Monteiro Lobato tornou-se pai da primogênita Marta. Em 1910 associou-se a um negócio de estrada de ferro e nasceu o seu segundo filho, Edgar. Continuou a escrever para jornais e revistas, como Tribuna de Santos, Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e Fon-fon, para onde também mandava caricaturas e desenhos. Traduziu artigos para o Jornal o Estado de São Paulo. Aos 29 anos e diante da noticia da morte do seu avô, Visconde de Tremeber, restou-lhe mudar com sua família para a fazenda de Buquira e tornar-se fazendeiro. Passar a dedicar-se à modernização da lavoura. Em 1912, nasceu Guilherme, o seu terceiro filho.

“Enquanto cuidava da fazenda, Lobato ia construindo dentro de si um arsenal de projetos literários, tendo como fonte de inspiração o meio rural que o circundava e, sobretudo, a figura do caipira”. (CATINARI, 2006, p. 56).

No ano de 1914, o Estado de São Paulo publicou o artigo Velha Praça de Monteiro Lobato. Na véspera do mesmo ano o mesmo jornal publicou um conto daquele que mais tarde seria o seu primeiro livro, Urupês. Sua quarta e última filha, Rute, nasceu em fevereiro de 1916, quando iniciava colaboração muito agradou a Lobato.

Em 1917, Lobato publicou o artigo "Paranóia ou Mistificação?", no qual criticou uma exposição de Anita Malfatti e a influência dos "futurismos" nas obras da

artista. Para ele, cada arte, como as ciências, tem suas leis, proporção, simetria etc, e Malfatti era excelente artista quando as cumpria, tinha um talento vigoroso, fora do comum, porém, o escritor não gostava quando a artista se deixava seduzir pelas vanguardas européias, assumindo, segundo ele, "uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.".

Nos anos seguintes, Lobato publicou seus primeiros livros: "Urupês", "Cidades Mortas" e "Negrinha". Segundo Lajolo (2000, apud ROSCHEL, 2010), Lobato nestes livros traz o melhor de sua literatura, principalmente em "Urupês" e "Negrinha", nos quais, segundo ela:

> Comparecem os diferentes brasis que até hoje, sob diferentes formas, assombram as esquinas da nossa história. Os contos contam do trabalho do menor, do parasitismo da burocracia, da violência contra negros, imigrantes e mulheres, da empáfia dos que mandam, do crescimento desordenado das cidades, da degradação progressiva da vida interiorana; enfim, os contos contam do preço alto do surto de modernidade autofágica que desemboca na crise de 30. (LAJOLO, 2000 apud ROSCHEl, 2010, p. 2).

Na política Lobato foi caracterizado como um intelectual engajado na causa do nacionalismo. Auxiliar comercial nos Estados Unidos (1926-1931), de volta ao Brasil, publicou América (1932) e deu início a uma campanha nacionalista pela produção de aço e petróleo. Simpatizante comunista publicou também O escândalo do Petróleo e do Ferro (1936) e tentou, sem êxito, organizar uma companhia petrolífera mediante subscrições populares, o que lhe valeu uma condenação pelo Tribunal de Segurança Nacional a seis meses de prisão. (ROSCHEL, 2010).

Em sua obra há livros de ficção e outros sobre questões sociais, políticas e econômicas, mas todos apresentam caráter nacionalista e interesse pelos problemas do país e pela construção de seu futuro. Lobato sempre esteve de fato ligado as questões sociais do país.

A luta pelo petróleo acabaria por deixá-lo pobre, doente e desgostoso. Em 5 de julho de 1948 o Brasil perdeu esse grande escritor, editor, advogado, político e empresário. Lobato morreu, mas deixou marcado na historia da literatura brasileira grandes personagens de sua ficção, que ficarão marcados para sempre na vida dos brasileiros que tiveram ou que terão contato com as historias da Boneca Emília, de Dona Benta, de Pedrinho, de Tia Nastácia, Narizinho, entre outros tantos.

3.2 Contexto histórico-literário

Nas duas primeiras décadas do século XX, o Brasil passou por várias transformações que apontavam uma modernização política, social e cultural. Politicamente, vivia-se o período de estabilização do regime republicano e a chamada "política do café-com-leite"[2], com a hegemonia de dois estados da federação: São Paulo, em razão de seu poder econômico, e Minas Gerais, por possuir o maior colégio eleitoral do país. (CEREJA; MAGALHÃES,1994).

Embora não tivesse absorvido toda a mão-de-obra negra disponível desde a abolição, o país recebeu nesse período um grande contingente de imigrantes para trabalhar na lavoura do café e na indústria.

Os imigrantes italianos, que concentraram-se na indústria paulista, trouxeram consigo ideias anarquistas e socialistas, que ocasionaram o aparecimento de greves, de crise políticas e a formação de sindicatos.

Do ponto de vista cultural, o período foi marcado pela convivência entre várias tendências artísticas ainda não totalmente superadas e algumas novidades de linguagem e de ideologia. Esse período, que representou um verdadeiro cruzamento de ideias e formas literárias, é chamado de Pré-Modernismo[3]. (CEREJA; MAGALHÃES,1994).

As novidades principais podem ser observadas em obras que demonstram, segundo Cereja e Magalhães, uma preocupação dos autores com a realidade da época.

> Graça Aranha, por exemplo, retrata em seu romance Canaã a imigração alemã no Espírito Santo; Euclides da Cunha, em os Sertões, aborda o tema da guerra e do fanatismo religioso em Canudos, no sertão da Bahia; Lima Barreto detém-se na análise das populações suburbanas do Rio de Janeiro; e Monteiro Lobato descreve a miséria do caboclo na região decadente do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. A exceção está na poesia de Augusto dos Anjos, que foge a esse interesse social. (CEREJA; MAGALHÃES, 1994, p. 5).

[2] Acordo firmado entre as oligarquias estaduais e o governo federal durante a República Velha para que os presidentes da República fossem escolhidos entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais.

[3] O que chamamos de Pré-Modernismo é uma convenção para designar um período longo, homogêneo, na maior parte pouco inovador, mas que preparou o terreno para a arte critica do Modernismo. Na época o Brasil passava por profundas mudanças, devido à expansão da cultura cafeeira, à industrialização e urbanização nascentes, à massa de imigrantes e outros fatores, como movimentos grevistas, revoltas e conflitos.

Monteiro Lobato destaca-se como literário e se junta aos autores regionalistas do Pré-Modernismo, evidenciando-se no gênero conto. Foi em Monteiro Lobato que o conto teve outra vez forte expressão, o autor utilizava como pano de fundo para suas narrativas, geralmente, os vilarejos e os povos provenientes da região do Vale do Paraíba, na época da crise do plantio do café.

Comenta o professor Alfredo Bosi (apud CEREJA; MAGALHÃES, 1994) a respeito de suas principais obras.

> Como escritor literário, Monteiro Lobato situa-se entre os autores regionalistas do Pré-Modernismo e destaca-se no gênero conto. O universo retratado geralmente são os varejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba, quando da crise do plantio do café. (CEREJA; MAGALHÃES, 1994, p.13).

Monteiro Lobato foi de fato um escritor que não teve pretensão de causar renovação psicológica ou estética, Lobato foi antes de tudo um contador de histórias, de casos interessantes, ligado ainda os certos modelos realistas. Dono de um estilo cuidadoso, nunca perdeu as oportunidades que tinha para criticar certos hábitos brasileiros, como a cópia de modelos estrangeiros, a subserviência ao capitalismo internacional, o carneirismo das massas eleitorais, o nacionalismo ufanista cego. etc. (CEREJA; MAGALHÃES, 1994).

Mas, é na literatura infantil que Monteiro Lobato se destaca, quando em 1921 publicou sua primeira obra infantil *A Menina do Nariz Arrebitado*. No ano seguinte, notícias circularam na imprensa, anunciando a distribuição de 500 exemplares dessa obra nas escolas. Esse fato ganhou repercussão entre as crianças e estimulou Lobato a criar novos livros.

> A importância de Lobato é inegável e ele tornou-se paradigma tanto da estética literária quanto do modo de produção de uma literatura destinada a crianças e jovens, por estar além de seu tempo no que se referia a um projeto de edição e distribuição de livros no país. (CATINARI, 2006, p. 48).

Essa concepção paradigmática da estética literária de Lobato, caracterizada pela linguagem simples, voltada para o nacionalismo e para o folclore, justifica a permanência de sua obra, por todas essas décadas, nos ambientes pedagógicos em todo o Brasil. Lobato sempre voltado às produções literárias, preocupou-se também com a produção e distribuição de seus livros.

No público infantil, Lobato escritor reencontra as esperanças no Brasil. Escrever para crianças era sua alegria, por isso adorava receber as cartinhas que

seu pequenino público escrevia constantemente. Achava que o futuro deveria ser mudado através da criançada, para quem dava um tratamento especial, sem ser infantilizado. O resultado foi bastante significativo, conseguindo transportar até hoje muitas crianças e adultos para o maravilhoso mundo do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

3.3 Produções literárias de Monteiro Lobato

A produção literária de Lobato caracteriza-se pela genialidade e singularidade, ao mostrar o maravilhoso como possível de ser vivenciado por cada um. Nas produções infanto-juvenis, o autor mistura o mundo imaginário com a realidade concreta, evidenciando a possibilidade de ali acontecerem aventuras maravilhosas que, em geral só eram possíveis nos contos de fadas, no mundo das fábulas ou vividas por seres extraordinários.

A vasta produção literária de Lobato, na área da literatura infanto-juvenil, engloba obras originais, adaptações e traduções. Dentre as traduções e adaptações da ficção lobatiana encontram-se as obras: *Dom Quixote das Crianças*, *O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Sobre estas produções, Lobato detinha objetivos específicos para a criança e o jovem leitor conforme estudos realizados por Oliveira (2011) sobre leituras lobatianas, o objetivo deste tipo de produção era:

> Levar às crianças o conhecimento da tradição, o conhecimento do acervo herdado e que lhes caberá transformar; e também questionar, com elas, as verdades feitas, os valores e não-valores que o tempo cristalizou e que cabe ao presente redescobrir e renovar. (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

A obra lobatiana é composta por trinta volumes e ocupa um lugar indisputável na literatura brasileira como o Andersen brasileiro, autor dos primeiros livros brasileiros para crianças, e também como revelador de “Jeca Tatu”, um personagem que representa um homem do interior brasileiro. A princípio, este personagem e sua história serviam para chamar atenção da população em dois aspectos do Brasil, na época da República Velha: o problema do ancilóstomo[4] que atacava 80% da população do interior e a situação de miséria em que o povo se

[4] Em termos científicos, ancilóstomo é um verme, que parasita outros seres vivos, incluindo os seres humanos. Nos livros de biologia, o único ancilóstomo que é reportado é o Ancylostoma duodenale, pois o mesmo é causador de muitas mortes, inclusive de seres humanos, especialmente em regiões onde as famílias possuem um poder aquisitivo mais inferior do que a média global.

encontrava. Na realidade, Lobato pretendia transmitir para os leitores a ideia de que, se tiver saúde qualquer pessoa pode progredir financeiramente. (OLIVEIRA, 2011).

Na concepção de Zilberman (1983), o personagem “Jeca Tatu” não correspondeu aos ideais pretendidos por Lobato, pois o autor não levou em consideração a realidade brasileira, ou seja, o autor pensava que para progredir bastava ter força de vontade.

> O Jeca Tatu e os milhões de brasileiros estão doentes não por inércia, ou simplesmente porque sofrem de “amarelão”, mas porque não existem melhores condições de trabalho, portanto de vida. (ZILBERMAN, 1983, p. 26-27).

A partir desse momento, Lobato não persistiu na proposta de inculcar nas pessoas a idéia de ter ambições e acreditar em uma nova realidade. Foi nesse momento que Lobato escreveu *Mr. Slang e o Brasil*.

Quanto à produção infantil, Lobato ocupa lugar de destaque no cenário literário brasileiro com a série *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Dentre suas produções infantis encontram-se as seguintes obras:

O Saci (1921);
Fábulas (1922);
As Aventuras de Hans Standen (1927);
Peter Pan (1930);
Reinações de Narizinho (1931);
Viagem ao Céu (1932);
Caçadas de Pedrinho (1933);
Histórias do Mundo para Crianças (1933);
Emília no País da Gramática (1934);
Aritmética da Emília (1935);
Geografia de D. Benta (1935);
Historia das Invenções (1935);
Dom Quixote das Crianças (1936);
Memórias da Emília (1936);
Serões de Dona Benta (1937);
O Poço do Visconde (1937);
Histórias de Tia Nastácia (1937);
O Pica-Pau Amarelo (1939);
O Minotauro (1939);

A Reforma da Natureza (1941);
A Chave do Tamanho (1942);
Os Doze Trabalhos de Hércules (Dois Volumes). (1944);
Historias Diversas (1947).

Nesse conjunto de obras, o autor recuperou criações da produção artística internacional e elementos da cultura popular brasileira. Os temas abordados pelo autor nessa coletânea são variados, mas sem perder de vista o conceito de literatura infanto-juvenil concebido pelo autor, sobre essa perspectiva de análise, Luiz (2011), comenta:

> O texto artístico infanto-juvenil, então, definir-se-ia como aquele que deveria se empenhar não em inserir o pequeno leitor na realidade adulta, impingindo-lhe preceitos morais, mas em edificar um universo diferenciado do real que atraísse o destinatário. Tal intento, desvencilhando-se das amarras inerentes ao pacto com o pedagógico, sugere uma visão de literatura como fonte de prazer, uma "farra", facultando ao livro o aspecto de espaço em que as crianças desejassem habitar. Absorvendo essas prescrições, O Sítio do Pica-Pau Amarelo torna-se um marco no processo de consolidação do gênero discursivo infanto-juvenil, servindo como referência aos demais escritores brasileiros consagrado após a década de 70. (LUIZ, 2011, p. 35).

O conceito de literatura infantil empregado por Monteiro Lobato é reflexo de suas atuações como contador de histórias, ao longo da adolescência, bem como da preocupação com a formação dos próprios filhos. O tipo de texto utilizado por Lobato, naquele período, firmou-se em meio a uma concepção bastante inovadora de infância. Na verdade, as idéias do autor revolucionaram os modos de construção do texto artístico, até aquele momento de perspectiva autoritária, utilitarista e conservadora, preocupada em transmitir normas de recato e comportamento à criança. Borges (2006) descreve esse momento da história brasileira da seguinte forma:

> Dentro de uma perspectiva pouco propícia à leitura – por volta de 1920, São Paulo tinha uma população de aproximadamente 579.000 habitantes, sendo que apenas 58% eram alfabetizados, e os livros eram considerados um artigo de luxo – Monteiro Lobato viabilizou a circulação do texto literário, mostrando que através do livro, e através da leitura poderia ser possível um processo de modernização no Brasil. (BORGES, 2006, p. 4).

É justamente nesta perspectiva que Monteiro Lobato tornou-se um autor de relevância ao possibilitar a viabilização do literário, defendendo a idéia de que

através do livro e da leitura poderia ser possível a modernização do Brasil. Nas suas obras iniciais, o autor procurou problematizar a realidade social e cultural, debruçando-se sobre os problemas brasileiros. Em suas obras infantis utilizou-se do mágico e do real, da fantasia e da realidade.

Em suas obras, de um lado, encontram-se narrativas que possuem um caráter informativo, que buscam preencher uma carência de saber manifestada pelas personagens infantis do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, por exemplo, e de outro lado, encontram-se obras com características de ficção, onde as crianças do sítio se propõem a solucionar situações problemáticas, através da atuação sobre seu meio ambiente. Em suma, Lobato utiliza-se da dicotomia: o caráter descritivo, enfatizando a realidade e, o senso crítico, onde a realidade se une à fantasia sem deixar de lado a denúncia, a crítica aos aspectos sociopolíticos e culturais do Brasil na época.

Mesmo Lobato fazendo uso de elementos do faz-de-conta (como a boneca que fala e o sabugo inteligente), o escritor não deixa a realidade de lado. Lobato coloca o leitor diante de assuntos reais: como o petróleo, a geologia da região paulista, o folclore nacional, os trustes mundiais da economia, entre outros.

Lobato em suas obras aborda temas vivenciados em seu tempo, e faz com que os leitores conquistem uma consciência crítica. O autor utiliza-se de aspectos reais, os quais têm como característica infantil a absoluta falta de limites com acontecimentos irreais. É por isso que o escritor substitui as fadas (personagens que no conto tradicional que se distancia da realidade) pela boneca de pano Emília, que está próxima da realidade de muitas crianças.

4 AS OBRAS LOBATIANAS EM ESTUDO: *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*

As obras *Aritméticas da Emília* e *História de Tia Nastácia* constituem-se como importantes recursos didático-pedagógicos, e principalmente, como forma de entretenimento para o público infanto-juvenil. Nesta seção, faz-se uma abordagem sobre as referidas obras, inicialmente a partir do resumo e da análise em estudo.

4.1 Resumo da Obra *Aritmética da Emília*

A obra literária *Aritmética da Emilia* divide-se em 19 coletâneas de historias que versam sobre a matemática, compostos em 65 páginas com colunas duplas, contendo poucas ilustrações. Esse livro tem caráter comemorativo realizando-se uma completa obra infantil. Com ideias claras e objetivas numa genialidade extraordinária que o personagem Visconde imortalizou. Sua conquista em receber aplausos e ser reconhecido pela sua mente brilhante e aventurosa que comemorava a descoberta do país da matemática.

Pois ele, um sábio famoso queria competir suas genialidades, os netos de Dona Benta já tinham viajado pelo país da gramática, com ele não poderia ser diferente. Montou um espetáculo no pomar do sítio, teve uma idéia brilhante, de transformar uma aula pedagógica em um grande espetáculo. Seus telespectadores estavam ansiosos, Quindim foi nomeado a palhaço para alegrar o público com seu jeito grande e espaçoso. Emília perguntava tudo, sempre curiosa, assim como todos estavam, curiosos e apreensivos com o que seria desta vez, qual surpresa de Visconde de Sabugosa.

Então, Visconde entra em sua cadeira de rodas construída por Pedrinho, pois ele não podia nem ficar de pé de tanto reumatismo. Visconde expunha suas ideias e chama o primeiro grupo de artista; os algarismos arábicos, todos caracterizados de acrobatas, Narizinho nem piscava como os demais telespectadores que faziam parte daquele lindo teatro.

No entanto todos os grupos que fazem parte da matemática foram apresentados e com a maior facilidade Visconde com sua excelência traduzia e resolvia seus problemas. O público que era seus amigos e faziam parte de sua família ficaram maravilhados de tanta sabedoria.

A ideia proposta nesse livro é de orientação pedagógica como o próprio título do livro sugere, *Aritmética da Emilia*, mas também dentro dessa pedagogia que traz a obra de Lobato, também pode-se notar o caráter lúdico, uma vez que Visconde caracteriza a aula não como “aula” mas como um grande espetáculo, uma festa. Ler essa obra é de fato viajar no mundo dos números, sem ter medo de aprender, e aprender brincando.

4.2 Resumo da Obra *Histórias de Tia Nastácia*

A obra literária *Histórias de Tia Nastácia* é um livro do escritor Monteiro Lobato que reúnem várias histórias que são narradas por Tia Nastácia, personagem do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Antigamente era muito comun nas fazendas a figura da velha matrona negra, solteirona, prestativa e de pouca instrução como também em muitas casas nas cidades. No livro *Histórias de Tia Nastacia*, Tia Nastácia é essa negra que vive no Sítio do Pica-Pau Amarelo, é prestativa, solteira e que não tem nenhuma instrução escolar, o seu conhecimento é baseado no senso comum, que foi passado de geração em geração pelos seus antepassados, e pelas experiências de mundo.

Tia Nastácia é “conhecida” pelos seus dotes culinários, e por ter criado Emília, a boneca de pano que fala, outra personagem do sítio. O livro *Histórias de Tia Nastácia* é composto de histórias populares do folclore brasileiro, contadas por tia Nastácia e comentadas pelas crianças que fazem parte do enredo e também por Dona Benta, a proprietária da Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nesses comentários, no fim de cada história, Pedrinho, Narizinho e Emília revelam-se bem dotados de senso crítico e julgam as histórias da “negra”, como o autor se refere à personagem Tia Nastácia.

O livro Histórias de Tia Nastácia é dividido em 44 coletânea de narrativas, divididos em 77 páginas com colunas duplas, a história tem seu foco narrativo em terceira pessoa, onde o narrador é um narrador que não participa do enredo. As histórias são variadas e versam sobre diversos temas narrados por Tia Nastácia. As histórias são contadas e no final de cada capítulo as crianças dão sua opinião sobre a história, falando se gostaram ou não; Através da crítica as crianças vão tecendo seus comentários em torno das narrativas feitas por Tia Nastácia. As personagens

contidas nas histórias narradas por Tia Nastácia também são diversificadas, vão desde animais que falam, reis, príncipes, princesas e até o próprio ser humano.

A obra Histórias de Tia Nastácia nasce com a necessidade de Pedrinho em saber o que significa folclore; Dona Benta, por sua vez, explica que folclore é tudo aquilo que se sabe por boca, são as coisas que o “povo” aprende por boca, ou seja, sabedoria passada de pai para filho, como os contos, as histórias, as enedotas, as superstições, as sabedorias populares etc. Pedrinho então classifica Tia Nastácia como o “povo”, pois segundo ele “essas negras velhas são um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas” e resolve explorá-la para que lhe conte suas historias.

O conteúdo do livro como já citado, giram em torno de uma sessão de histórias contadas pela personagem Tia Nastácia; O objetivo dessas histórias era meramente pedagógico, pois ensinava diversos valores às crianças da época, como no capitulo IX, que narra a história de uma madrasta muito malvada, seu marido tinha três filhas que a madrasta faziam trabalhar, as três passavam todo o dia debaixo da figueira espantando os pássaros que se aproximavam para comer os figos, um dia o homem fez uma longa viajem, e ela mandou que enterrassem as meninas vivas, mas quando voltou o marido acabou descobrindo, e um negro que vivia na fazenda contou de um capinzal que murmurava, o homem mandou que cortassem todo o capim, mas quando foi cortar ouviu a voz das meninas e foi chamar o patrão, que mandou cavar e por um milagre de nossa senhora que era madrinha das três, retirou-as de lá com vida, e um castigo caiu sobre a madrasta má.

Nos comentários das crianças, toda madrasta é má e nas histórias dificilmente encontra-se uma boa, mas Dona Benta rebate dizendo que existe também madrasta boa, que as crianças não devem generalizar. E cita casos de madrastas que são iguais às mães e mães que são piores do que madrastas. Nessa perspectiva as histórias de Tia Nastácia vão servindo de ponto crítico para as crianças do sítio e para Dona Benta, que também tece seus comentários críticos sobre as narrativas, explicando às crianças o intuito dessas histórias e como as mesmas foram sobrevivendo ao longo dos tempos. Dona Benta também faz questão de deixar claro que não se pode esperar do povo o apuro artístico que tem os grandes escritores como se exemplifica na seguinte passagem:

> [...] o povo... que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as historias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulterados ainda...[...] (LOBATO, 1995, p. 18).

As crianças do sítio muitas vezes no final das histórias acabam achando que as mesmas estão sem nexo, pois como foram passadas oralmente, algumas partes da história perderam-se ou foram adulteradas, por conta da pouca ou nenhuma instrução que as pessoas que as contavam tinham.

As narrativas contidas nessa obra também abordam a esperteza, como no capítulo XVI, que conta a história do “João Esperto” João era filho único, muito esperto, porém sua mãe era muito mal para ele, o único amigo que tinha era uma cachorrinha, a Pita. Quando moço João ficou sabendo que no reino das três princesas, haveria o casamento de uma das três moças, o rei estava dando uma festa de quinze dias para que os pretendentes de sua filha lhes propusessem uma adivinhação, se ela adivinhasse o pretendente ia para forca. João decidiu tentar a sorte e seu pai autorizou, mas sua mãe que era má preparou-lhe uma peça, deu lhe um pão envenenado.

Quando sentiu fome foi comer o pão, mas desconfiou e deu primeiro para Pita experimentar e a cachorrinha acabou morrendo. João a enterrou e três urubus desenterram, comeram e morreram; João botou nas costas os urubus e seguiu, ao chegar numa estalagem encontrou sete homens armados e com muita fome, tomaram as aves e comeram, todos morreram.

João pegou a melhor arma sentou debaixo de uma árvore e atirou numa perdiz, acabou acertando uma rolinha, assou e comeu, continuou e logo adiante encontrou o reino. Ao chegar ao palácio todos aconselharam que ele desistisse, mas ele persistiu, e o rei que não tinha mais o que fazer, disse que apresentasse sua adivinhação, assim ele fez. A princesa demorou, demorou, e nada de adivinhar, João repetiu novamente, mas estava muito difícil, foi então que o rei ordenou que eles se casassem e foi preparada uma grande festa de casamento. João usou da esperteza e da persistência para se casar com a moça, e depois de tanta luta acabou conseguindo.

A obra também contém algumas histórias narradas por Dona Benta, essas narrativas estão no final do livro, são narrativas não do folclore nacional, mas de outras culturas, outras nacionalidades, que abordam temas diversificados.

Histórias de Tia Nastácia representa muito bem as histórias do folclore regional da época, retratando personagens ligados principalmente à cultura negra e aos índios, pois as contadoras de histórias da época utilizavam personagens que faziam parte da sua história de vida e situações que foram muitas vezes vivenciadas por eles próprios ou por outros negros ligados a eles.

4.3 Análises das obras *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*

4.3.1 Aritmética da Emília

A ideia proposta no livro *Aritmética do Emília* está relacionada ao objetivo de divertir e instruir, tendo em vista que parte expressiva de sua obra se apoia em sólidos alicerces didáticos. A obra em estudo surgiu inspirada pela mesma proposta pedagógica que subsidiou outras obras lobatianas.

Nessa linha de entendimento, o autor pretendia redimensionar o ensino de matemática, que naquela época era baseado unicamente na operacionalização de símbolos, sem contextualização dos significados. O caráter pedagógico da obra pode ser evidenciado através da seguinte afirmação:

> A terceira reinação dos números é a Conta de Multiplicar. O Visconde começou ensinando que multiplicar um número por outro é fazer uma soma de parcelas iguais. Assim, multiplicar o 6 por 5 é o mesmo que repetir o 6 como parcela 5 vezes. (LOBATO, 1982, p. 27).

Outro aspecto interessante da obra diz respeito ao título do livro, cujo conteúdo já se pode ter um conhecimento prévio sobre o que será abordado. Segundo Eco (apud LAJOLO, 2009, p. 279).

> O título de um livro já constitui chave interpretativa para sua leitura. Consciente da importância editorial do título dos livros, Lobato constrói o título dessa obra tanto pela menção a um campo do conhecimento escolar (a aritmética), quanto pela referência a uma de suas principais personagens, símbolo de insubordinação, arrojo e criatividade. Tal aspecto confere à aritmética em questão – a Aritmética – um traço inédito, singular, sugerindo ao leitor que o livro trataria de uma temida disciplina escolar a partir de uma perspectiva nada trivial.

No capítulo VIII, denominado “A Terceira Reinação”, é frequente o antagonismo entre Visconde e Emília, uma vez que o sabugo de milho empenha-se

exaustivamente em comentar sobre o conteúdo, ao passo que a boneca falante se ocupa em contrariar as intenções de Visconde com suas criticas:

> O Visconde não fez caso e continuou: - Vamos ter tabuada novamente. Sem que todos saibam na ponta da língua a Tabuada de Multiplicar não podemos ir adiante. Que espiga! – exclamou a boneca. - Já ando enjoada até as tripas de tanta tabuada. Além disso, todas as casas das laranjeiras já estão cobertas de números. Onde escreveu essa nova tabuada?. (LOBATO, 1982, p. 27).

A postura de Visconde ultrapassa seu desempenho como educador. Sua personalidade comedida austera e racionalista pretende informar o leitor a respeito dos tópicos relevantes de sua disciplina, mas as crianças, em alguns momentos, acabam desviando a atenção para outras situações fora do contexto da aula:

> [...] - Você é um alho, Pedrinho! – gritou Emília. – E você sabe o que, sua sirigaita? Você é uma cebola! Ao ouvir lá da cozinha aqueles gritos de alho e cebola, Tia Nastácia apareceu à porta, de colher de pau na mão. Temperos eram com ela. – Alho? Cebola? – exclamou de longe. Tragam para cá. Comida sem alho e cebola não sai gostosa. Todos riram-se da coitada e o Visconde continuou. (LOBATO, 1982, p. 29).

A respeito da temática discriminação e racismo, a obra *Aritmética da Emília* faz poucas referências em seu conteúdo, contrapondo-se à obra *Histórias de Tia Nastácia*, que apresenta em seu conteúdo várias passagens com tendências preconceituosas e discriminatórias referentes aos personagens considerados negros principalmente quando se referem à personagem Tia Nastácia.

As recentes contribuições teóricas aos fundamentos metodológicos da matemática comparadas ao conteúdo da narrativa, revela o caráter conservador do ensino da disciplina se comparado às orientações dos Parâmentos Curriculares Nacionais (PCNs), de Matemática:

> Para tanto, o ensino de Matemática prestará sua contribuição à medida que forem exploradas metodologias que priorizem a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação, o espírito crítico, e favoreçam a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar desafios. (BRASIL, 1997, p. 26).

A metodologia adotada por Visconde insiste na memorização de uns expressivos grupos de tabuadas, o que é perfeitamente compreensivo para a época, mas se afasta das orientações contemporâneas como os já citados PCNs. Acredita-se que conforme Lajolo (2009, p. 283), esclarece:

> A aquisição de habilidades para o cálculo depende de um repertório básico cuja incorporação não se dá pela simples retenção de dados, mas pela realização de um trabalho que envolve construção, organização e assimilação compreensiva de informações.

Por fim, vale ressaltar que *Aritmética da Emilia* reflete a intenção do escritor em preservar a adesão do público infantil já conquistada com Reinações de Narizinho. Para tanto o enredo é pretexto para a inserção de “lições”, introduzindo informações de forma mais simples e encaminhando-as a dimensões mais complexas do conhecimento da Matemática.

4.3.2 Histórias de Tia Nastácia

O livro *Histórias de Tia Nastácia* constitui-se de narrativas populares baseadas em fábulas, conservando o aspecto pedagógico no final de cada história. Como exemplos, citam-se “A Formiga e a Neve”, “O Cágado na Festa do Céu”, “O Macaco e o Coelho”, “O Veado e o Sapo”. Sendo que as últimas narrativas da obra não são narradas pela personagem Tia Nastácia, mas sim por Dona Benta.

As narrativas dessa obra podem ser analisadas sob diferentes ângulos, além do caráter pedagógico contido nas histórias, podem ser observados outros aspectos, como a questão do preconceito racial, refletido principalmente na personagem Tia Nastácia. É uma obra bastante rica em conteúdos que podem ser desenvolvidos de forma positiva não somente no espaço escolar, mas também em outros ambientes, como no espaço familiar.

Histórias de Tia Nastácia, assim como outras obras infantis de Monteiro Lobato, tem teor instrutivo sobre o folclore nacional. No entanto, se não for desenvolvida uma leitura adequada das narrativas, pode concorrer para uma dimensão preconceituosa em relação à cultura negra, pois em vários trechos da obra o negro é representado de forma depreciativa.

O caráter didático da obra pode ser puramente lúdico, ou seja, entreter os jovens leitores com histórias populares do folclore brasileiro. Seu aspecto pedagógico revela-se também numa linha moralista, paternalista, centrada numa relação de poder.

> [...] - É verdade, vovó – perguntou Pedrinho – que os políticos espertos usam o pulo do gato? Dona Benta suspirou. – Os políticos matreiros, meus filhos, são os gatos da humanidade. Dão toda sorte de pulos – e sabem muito bem essa história de cair de pé. Há alguns entre nós que podem dar lições a todos os gatos do mundo [...] (LOBATO, 1995, p. 57).

O livro como já citado, se assemelha a outras obras escrita por Monteiro Lobato, tanto em relação à estrutura como ao conteúdo. Entretanto, o que inusitadamente chama atenção é o papel de contadora de histórias atribuído à Tia Nastácia, uma personagem negra, que na maioria das narrativas estava condicionada ao papel de cozinheira. Esse aspecto revela a importância da literatura oral daquela época, onde os contadores de histórias que geralmente eram pessoas de pouca ou nenhuma instrução escolar, que se apropriavam desse recurso para transmitir as narrativas oralmente às gerações, transmitindo também com essas historias valores morais e ensinamentos.

Sobre a postura dessa personagem na obra, Lajolo e Ceccantini (2009, p. 375), acrescentam:

> Deve-se frisar, porém, que, apesar de ser Tia Nastácia a narrar às histórias folclóricas, o porto de “detentora do conhecimento”, ainda que de uma conhecimento concernente à cultura popular oral, continua sendo de Dona Benta. É a avó quem esclarece aos netos as origens das histórias, as variações relativas à sua transmissão oral, bem como é também Dona benta quem legitima os comentários dos ouvintes ou tenta matizar suas críticas preconceituosas. Já no inicio do livro, é a avó quem explica a Pedrinho o significado da palavra *folclore*, termos que o garoto havia lido no jornal e cujo significado encarrega Emília de perguntar a Dona Benta. A boneca retorna com a explicação na “ponta-da-língua”.

Dessa forma, mesmo que Tia Nastácia assuma, nessa obra, papel de destaque, é Dona Benta quem detém o conhecimento real, fazendo um paralelo entre o conhecimento popular evidenciado por Tia Nastácia. As crianças ouvem atentamente as histórias, questionam e interferem nas narrativas. Em sua grande maioria, as observações de Emília e Narizinho são depreciativas:

> Tudo bobagens de negra velha. Nessa história vejo uma fieira de negras velhas, cada qual mais boba que a outra – que vão passando a histórias para diante, cada vez mais atrapalhada. [...] – Bom - disse Emília. Esta já está mais bem arranjadinha. Mas eu noto uma coisa: as histórias populares parecem que são uma só, contadas de mil maneiras diferentes. Falam tanto na tal imaginação do povo e eu não vejo nada disso. Vejo apenas uma grande pobreza. [...] – Também acho bastante boba essa história – disse Narizinho - além de que há muita repetição de coisas de outras. Os tais três irmãos, o tal do mais novo sair pelo mundo, a eterna velha, o tal reino das três pombas, os

> tais aleives – tudo três, três, três. Isso até cansa. [...] – O negócio dos três - disse Emília – é coisa que só serve para maçar as crianças. O contador faz isso para espichar a história. Bem se vê quem as inventa é gente do povo, de pouca imaginação e cultura. (LOBATO, 1995, p. 21, 23, 43).

Além do aspecto depreciativo revelados nas falas das crianças, a personagem Dona Benta também tece comentários desse gênero, menosprezando a manifestação cultural retratada ao longo do livro. Conforme o trecho abaixo:

> - Sim – disse Dona Benta. – Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de ouras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, ainda mais adulterados ainda. (LOBATO, 1995, p. 18).

Assim, o autor subverte nessa obra a hierarquia branco/negro, erudito/popular, letrado/oral. É interessante ressaltar que a obra *Histórias de Tia Nastácia* combina elementos intertextuais como, por exemplo, “O bicho manjaléu e O Cágado na festa do céu”, ambos de origem européia.

Por último, cabe ressaltar como aspecto positivo da obra, o tipo de linguagem em que foi escrita para aproximá-la da coloquialidade, a adequação de títulos de histórias populares do Brasil para as narrativas do livro e a substituição de termos arcaicos por termos populares. Tudo isso contribui para o engrandecimento dessa obra, direcionado ao público infantil e juvenil, sendo que até hoje continua viva no universo literário e televisivo, como na série “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”.

5 AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO EM ALGUMAS OBRAS DA SÉRIE *O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO*

Sabe-se que a literatura infantil e juvenil traz consigo inúmeras marcas ideológicas do poder dominante, Essa característica pode ser evidenciada na presença estereotipada de personagens negros em seus enredos. Os próprios contos de fadas vêm marcados por tais características que excluem a participação dos negros, quando citam príncipes e princesas, marcados culturalmente e estereotipadamente pelos padrões europeus. Citam-se por exemplos *A Bela Adormecida*, *Cinderela e Branca de Neve*. Numa breve análise, pode-se constatar que a presença ou protagonização de um personagem negro nas obras referidas não existe, pois respeitaram os contextos socioculturais em que foram produzidas.

Entretanto, a análise pretendida neste estudo reporta-se à questão do negro na literatura infanto-juvenil, no sentido de propor mudanças e adaptações aos contextos em que serão utilizados, sem destacar uma supremacia de uma cultura relevante sobre a outra. Este tipo de posicionamento pode ser útil principalmente nos trabalhos realizados com crianças e adolescentes em sala de aula, visto que é no espaço escolar que se amplia o desenvolvimento crítico sobre as diferenças socioculturais.

Nesse sentido, a literatura infantil e juvenil poderá contribuir para a construção de vários valores da personalidade do sujeito. Ela se encarrega de despertar sentimentos imprescindíveis na formação da criança e do adolescente, fazendo com que aprendam a lidar com as situações difíceis. A respeito das contribuições da literatura infantil, Bettelheim (2007, p. 20) acrescenta:

> Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança.

Entretanto, nem sempre as obras literárias infantis e juvenis são trabalhadas de forma adequada e crítica em sala de aula, quando se referem a questões de diferenças socioculturais, mais precisamente quando se trata da representação dos negros nos enredos. Nessa perspectiva, a obra infantil de

Monteiro Lobato configura-se como referência básica para se entender a representação do negro na literatura infanto-juvenil brasileira.

Por conta das características pedagógicas ou politizantes das obras da série *O Sitio do Pica-Pau Amarelo*, a ficção de Monteiro Lobato traz consigo alguns dados relevantes quanto ao lugar que as personagens consideradas negras ocupam no imaginário nacional. Nas histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, as representações do negro aparecem muitas vezes sob diferentes ângulos, por isso o presente estudo propõe-se a analisar a estrutura de sua ficção, procurando estabelecer especialmente a funcionalidade que os personagens negros recebem na produção artística.

Em 1935, Monteiro Lobato escreveu *Aritmética da Emília*, livro constituído de 19 capítulos, nos quais raramente se vê a participação de Tia Nastácia ou outros personagens negros. Como o próprio título sugere, o livro apresenta capítulos em que as narrativas se referem às descobertas no mundo da matemática. No primeiro capítulo, Tia Nastácia aparece como um personagem que nada vê de relevante nas descobertas da Matemática. O comportamento da personagem induz o leitor a acreditar que a personagem, desprovida de conhecimentos científicos, não conhece o valor de tais descobertas. Tia Nastácia, no capítulo seguinte, demonstra-se surpresa com a sabedoria do Visconde ao falar coisas que ela não compreende, nesse momento Dona Benta a interrompe:

> Não entende você, que é uma analfabeta – Respondeu Dona Benta. – todos os outros, até a Emília, estão entendo perfeitamente o que ele diz. O Visconde acaba de falar da numeração romana e não errou nada. Creio que foi o Quindim quem lhe ensinou isso. – há de ser – concordou a negra. Eu é que não fui. A única coisa que eu quis ensinar a esse diabinho, ele fez pouco caso. [...] eu quis ensinar ao Visconde uma reza para bicho arruinado. (LOBATO, 1982, p. 11).

Nessa passagem evidencia-se o preconceito em relação ao conhecimento cientifico de que Tia Nastácia é desprovida. Na fala de Dona Benta está implícita a idéia de que Tia Nastácia deve contentar-se com o senso comum, o conhecimento sobre receitas culinárias ou rezas adquiridas através das tradições orais dos seus antepassados.

Na mesma obra, no capitulo IX, uma afirmação de Emília, coloca o leitor de frente com termos absolutamente preconceituosos e discriminatórios, que inferiorizam o personagem negro, atribuindo-lhe características deturpadoras e caricaturais e de ser humano desprovido de intelectualidade. A boneca usa termos

grosseiros para justificar sua natureza "asneirenta": *"– Pois eu sou asneirenta, porque aquela burra da Tia Nastácia me fez assim. Ela foi a minha natureza preta como carvão e beiçuda..."* (LOBATO, 1982, p. 31).

O tipo de linguagem utilizado por Emília ao se referir às características de Tia Nastácia "natureza preta como carvão", reproduz uma ideia negativa sobre o negro, ou seja, a idéia de que ser negro não é bom. É importante destacar o papel que a linguagem desempenha no processo de formação de identidade das crianças e adolescentes, visto que a literatura infanto-juvenil configura-se como um instrumento através do qual se pode vivenciar sentimentos comuns à existência humana. Em outra passagem da mesma obra, observa-se o seguinte diálogo:

> Tia Nastácia apareceu à porta da cozinha para ver do que se tratava e logo depois entrou no circo de faca na mão e bandeja. – Quer que parta, Sinhá? – perguntou. Dona Benta respondeu que sim, e com muita habilidade a negra picou a melancia em doze fatias. Estava o que havia de pururuca e cor-de-rosa. (LOBATO, 1982, p. 11).

O termo utilizado pelo autor para se referir ao personagem Tia Nastácia, revela mais uma vez inconscientemente ou não uma postura preconceituosa, ao nomeá-la de "a negra", esse aspecto é evidenciado nas produções aqui analisadas.

No livro *Histórias de Tia Nastácia*, o enredo gira em torno de uma série de narrativas contadas pela personagem. O livro constitui-se de quarenta e quatro capítulos com histórias populares contadas por ela. O que se pode notar, com a leitura dos capítulos, é a constante referência aos raros personagens negros, de forma caricaturada e depreciativa. Numa passagem do enredo a personagem Emília usa da lógica de um típico discurso racista:

> – Ué! Exclamou tia Nastácia.– Pois para que serve carneiros senão para ser comidos? Deus fez os bichos cada um para uma coisa. Emília danou. – Bem se vê que é preta e beiçuda! Não tem a menos filosofia, esta diaba. Sina é seu nariz, sabe? Todos os viventes tem o mesmo direito à vida, e para mim matar um cordeiro é crime ainda maior do que matar um homem". (LOBATO, 1995, p. 52-53)

No trecho acima, percebe-se a intolerância nos insultos da boneca Emília à Tia Nastácia. Na fala da personagem, a cultura popular é depreciada e o conhecimento de Tia Nastácia é associado à ignorância. Outro aspecto revelado inconscientemente através de Emília, refere-se à atribuição da posição intelectual de Tia Nastácia à cor de sua pele. O texto analisado serve para divulgar a hierarquização das culturas. Os personagens negros, nesse sentido, são caracterizados de forma estereotipada, tendo como referencial a cor da pele. No

entanto, ao se trabalhar com essa temática o professor pode mudar o discurso discriminatório implícito em algumas passagens da obra. PCNs referem-se a essa mudança de postura ao declarar:

> Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o país e o mundo, e aí a realidade plural de como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. (BRASIL, 2005, p. 23-24).

Essa tarefa é árdua e difícil, pois as escolas acabam muitas vezes repercutindo, sem qualquer reflexão, as contradições que nela habitam. Através de conteúdos indevidos e até errados, notadamente presentes em livros didáticos, a escola durante muito tempo e até hoje disseminou o preconceito de formas diversas.

Outro aspecto observado na obra de Lobato diz respeito ao tratamento dado aos personagens negros, que poucas vezes a eles são atribuídos nomes próprios. Geralmente o autor dá a estes personagens nomes referentes à cor de suas peles, como “O negrinho”, “O preto”, “A negra velha”, entre outros. A ausência de nomes implica a generalização dos personagens em detrimento da singularização da identidade, como se todos fossem iguais. É basicamente este tipo de concepção sobre o negro que se sustenta por muitos anos e muitas vezes esses termos carregam historicamente uma tendência preconceituosa. No capítulo VI de *Histórias de Tia Nastácia*, Emília, ao fim da história contada por Tia Nastácia fala:

> [...] Só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beiçuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto [...] (LOBATO, 1995, p. 18-19).

O comportamento de Emília no trecho acima revela algumas posturas preconceituosas. Em primeiro lugar, evidencia-se a desobediência à moral que se opõe a consciência de hierarquia, tratada muitas vezes no cotidiano popular como

respeito aos mais “velhos”. No fragmento acima, além de chamar Tia Nastácia de negra num tom ofensivo, utiliza-se do termo “beiçuda” para fazer referência aos lábios grossos da personagem. O corpo animalizado na produção de Lobato, ou seja, faz-se alusão à cultura negra através de referência ao “beiço de Tia Nastácia”. Esse tipo de comparação corresponde à desqualificação do negro, comparado ao branco. Na verdade, a uma suposta inferioridade estética corresponderia uma desqualificação cognitiva, pois ao animalizar os personagens negros, o autor reproduz uma representação que associa tal inferioridade a uma menor capacidade cognitiva. Além disso, na fala de Emília emite-se uma crítica ao negro em geral, atribuindo-lhes qualificativos deturpadores.

Na obra histórias da *Tia Nastácia* há diversas passagens em que a linguagem é utilizada num tom depreciativo sobre os personagens negros. O capitulo V, por exemplo, conta a história de uma princesa que pretende se casar com um homem negro e ouve de suas irmãs casadas com príncipes as seguintes palavras: “*com um moço assim é que você deveria ter se casado, e não com um negro tão preto*” (LOBATO, 1995, p. 20).

Nesse trecho as personagens de Lobato qualificam um personagem negro como “tão preto” e, concomitantemente, emite uma crítica de desvalor, relacionando a cor da pele a algo que não é bom. No entanto, a personagem Tia Nastácia nem sempre é vista de forma caricaturada e inferiorizada. Em contradição às falas de Emília, frequentes dentro da obra, no capítulo XIX, a boneca corrige Pedrinho, quando este se refere aos próprios lábios como beiços. *“– E eu – disse Pedrinho – fiquei com vontade de comer mandioca cozida, da bem enxutinha, com melado de rapadura. Upa! É uma coisa de lamber os beiços. – Beiço é de boi – protestou Emília. – gente tem lábios”*. (LOBATO, 1995, p. 46). A aparente contradição revelada na fala de Emília parece excluir a personagem da condição de ser humano, já que ela é caracterizada constantemente como “negra beiçuda”.

Diante das características atribuídas ao negro nas histórias populares contadas pela personagem Tia Nastácia, percebeu-se que os personagens negros carregam o fardo da ignorância. Os personagens negros presentes nas histórias representam figuras caricaturadas e inferiorizadas, descritas na imagem de pessoas analfabetas e tolas, e ocupando sempre papéis secundários, como cozinheira, por exemplo.

A insuficiência da representação do negro nas obras de Monteiro Lobato e a linguagem inadequada que constituem a maioria de suas obras retratam o perfil de uma sociedade ainda marcada pelos conceitos arcaicos em relação às diferenças. No mundo atual, com toda a busca pela igualdade de direitos, empreitada tanto entre gêneros, raças, orientação sexual, religião, entre outros, faz-se necessária a reformulação da linguagem utilizada para representar a diversidade cultural do Brasil, nos textos literários.

6 LITERATURA INFANTO-JUVENIL: um instrumento de conscientização no contexto escolar

Desde a abolição da escravidão, a população afro-brasileira não tem sido compensada com políticas de teor público que minimizem os efeitos de ordem cultural e socioeconômica, legados com o fim do regime, tampouco se vê justamente retratada ou representada em livros didáticos.

Assim, também se vê nos livros didáticos que a presença negra está vinculada à representação estereotipada em seus aspectos físicos e culturais. Essa concepção advém de conceitos de superioridade racial[5] que submeteu os negros, durante séculos, denunciados hoje de forma discreta.

> [...] fazem do Brasil o segundo maior país de negros ou descendentes de negros do mundo, perdendo somente para a Nigéria (1991:122.340.000); entretanto, a marca da escravatura e a hegemonia branca obscurecem esta realidade. Esta farsa de olhar e não ver, ou não querer ver, está plenamente estampada no ensino brasileiro. Quem olha para os currículos escolares, do Ensino Fundamental à universidade - salvo raras exceções - não vê a presença negra, senão restrita a algumas lamúrias nas poucas páginas dedicadas à escravatura. (ZAMPARONI, 2006, p. 8).

É indispensável relatar que a sociedade brasileira ainda não tenha se libertado de conceitos e ideias discriminatórias e preconceituosas ao longo da história. Hoje as questões raciais ocupam espaços de discussões em vários seguimentos da sociedade, como se fossem mais importantes que a própria mudança social de comportamento. E ao se destacar os lugares ocupados pelos personagens negros na literatura infanto-juvenil, ampliam-se o espaço de discussões para se repensar as questões referentes ao racismo.

O preconceito, inconscientemente incutido na prática pedagógica, dentro na sala de aula, somadas às relações de intolerância reproduzidas dentro e fora do ambiente escolar e os materiais didáticos com conteúdos discriminatórios, são fatores desencadeantes da baixa auto-estima de alunos negros, podendo, muitas vezes influenciar no seu desenvolvimento cognitivo e desempenho escolar, significando conflitos psíquicos em dimensões irreparáveis, e até mesmo, justificando resultados negativos consideravelmente maiores que do aluno declarado

[5]A crença da existência de raças superiores e inferiores foi utilizada muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade e ao complexo de inferioridade, se sentindo, muitos povos, como inferiores.

como branco. Por essas razões e outras, a educação nacional avançou em aspectos legais quando afirma no artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que é obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental e Médio. Conforme o documento determina:

> [...] incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira [...] tais como o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando a suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinente à História do Brasil. (BRASIL, 2003, p. 80).

Nesta perspectiva, todo o conteúdo deverá ser ministrado de maneira curricular nas aulas de Artes, Literatura e História do Brasil. As alterações nas leis representam uma evolução a respeito das questões sociais, principalmente no que se refere à história e representação do negro no Brasil. Essas mudanças podem ser viabilizadas principalmente através da educação escolar. Sobre essa questão, Munanga (2005, p. 17) acrescenta:

> No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

Os PCNs (Brasil, 1997), por meio da transversalidade do tema “Pluralidade Cultural”, inserem-se como um instrumento através do qual se pode perceber a diversidade de nossos povos, da nossa cultura, entre outros, ao propor novas condutas que minimizem equívocos disseminados no âmbito educacional e, para tanto, lembra aspectos históricos que valorizam a construção dessa, como já dito, sociedade plural, partindo da idéia de que temos direito de ser diferente. Dessa forma:

> O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (BRASIL, 2005, p. 16).

Portanto, a adequação dos conteúdos dos livros ao contexto social para o qual se destina deve constituir-se prioridade na prática docente e a substituição do vocabulário empregado de forma depreciativa, preconceituosa, ou discriminatória deve ser combatida e criticada.

6.1 O negro na literatura infantil e juvenil brasileira

Historicamente, sabe-se que o padrão de relação cultural vigente na sociedade brasileira tem como característica de origem a escravidão dos africanos e de seus descendentes por vários séculos. Através da importação de mão-de-obra para trabalhos forçados, o Brasil construiu-se como nação, tornou-se uma sociedade independente e começou o processo de industrialização.

No século XIX, as transformações políticas e econômicas produziram avanços positivos em relação à situação do negro. Conforme Heringer (2007, p. 223):

> No decorrer dos anos 1800 o trabalho escravo vai sendo gradativamente substituído pelo trabalho livre. Esta substituição, no entanto, dá-se de forma excludente. Mecanismos legais, como a Lei de Terras (1850), a Lei da Abolição (1888), e a política de estímulo à imigração européia, atuaram no sentido de limitar as oportunidades socioeconômicas da população de cor. “Embora nenhuma forma de segregação legal tenha sido imposta após a abolição da escravidão, os ex-escravos tornaram-se marginalizados em relação ao sistema econômico vigente”. (HERINGER, 2007, p. 223).

É nessa conjuntura que surgiu no Brasil o racismo associado à escravidão, mais é principalmente depois da abolição que ele se consolida como discurso fundamentado nas teses da inferioridade biológica dos negros, e se difunde no país como diretriz para a compreensão do desenvolvimento nacional. Desde a abolição da escravatura, a situação do negro é representada ou retratada na literatura infantil e juvenil de forma estereotipada.

Essa concepção advém de conceitos de superioridade de uma determinada classe dominante em sua relação com o conceito de inferioridade de classe consideradas menores como os negros, os índios e os escravos, que se desenvolveu ao longo dos séculos, prevalecendo até os dias atuais, camuflada ou não nos vários setores da sociedade. Entretanto, a população negra no Brasil, além de corresponder a uma parcela maior da sociedade brasileira, tem se projetado

socialmente na classe média de forma rápida nos últimos dez anos, como revela a reportagem “Os negros rumo ao topo”, publicada na Revista Veja:

> Os negros chegaram ao topo da pirâmide social brasileira nos últimos dez anos em velocidade superior à de qualquer outro grupo de pessoas identificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de acordo com a cor da pele. Enquanto o grupo de pessoas negras que atingiram o patamar de renda familiar mensal superior a 700 reais cresceu 57%, o de indivíduos que se declaram brancos com os mesmos ganhos aumentou 17%. Esses dados constam de uma nova pesquisa da Fundação Getulio Vargas. Eles coroam um movimento de emergência social dos brasileiros negros que começou há cerca de dez anos. (LIMA, 2010, p. 133).

Na literatura infantil e juvenil brasileira a presença do negro como elemento protagonista, como foi discutida anteriormente, sempre foi discreta ou quase ausente. A partir do século XX, então, começa a ser delineado o processo de inserção do negro no contexto literário por conta da exigência da modernização industrial. Sobre esse período Gouvêa (2005, p. 82) descreve:

> No Brasil, é a partir das décadas de 20 e 30 do século XX, em consonância com o processo de modernização social, que a produção literária destinada à criança foi afirmada. A urbanização crescente, a exigir uma população identificada com os códigos citadinos, em que as práticas sociais de leitura se faziam necessárias, as reformas de ensino que tinham como um de seus pressupostos o desenvolvimento na criança do gosto pela leitura, a afirmação de uma família burguesa centrada nos cuidados à infância, em termos gerais, tornaram possível a consolidação de uma literatura voltada para o leitor infantil.

Nesse contexto, as produções traziam características culturais mais abrangentes, relacionados ao processo de modernização da sociedade brasileira. As produções destinadas às crianças traduziam-se numa linguagem simples e capaz de expressar a complexidade da vida contemporânea. No entanto, a partir da década de 1920, de acordo com as transformações experimentadas no campo cultural, na produção cultural destinada ao público infantil, buscou-se falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Sobre esse contexto Gouvêa (2005, p. 83) acrescenta:

> Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público. A literatura infantil do período dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas.

É importante ressaltar que nas práticas culturais mais abrangentes desloca-se a discussão em torno da brasilidade, não mais de negação, mas de afirmação de sua composição racial, a representação do negro na literatura infantil. O negro ascendia nas narrativas, de maneira mitificada, identificando-se com as raízes do país. Cabe agora analisar as imagens construídas sobre o negro na produção literária, para compreender a representação que as relações raciais assumem na literatura infantil e juvenil.

A representação do negro na literatura restringiu-se a alguns estereótipos, entre os quais, aqueles do negro dócil, do contador de histórias, submisso, ignorante, instintivo e carnal. Todos os indicativos relacionados aos negros desse período influenciam até hoje não só a literatura de modo geral, como também os livros didáticos. No que se refere a estes, quando são trabalhados em sala de aula, afirmam que a história do negro é produzida numa perspectiva humilhante e pouco humana, partindo do ponto de vista do “outro”. Didaticamente, esses livros trazem os fatos históricos como parte da cultura brasileira, mas não considerando o negro como sujeito participante do processo de formação sociocultural do Brasil. Na prática, os alunos só tomam conhecimento da história, sem se perceberem verdadeiramente parte dela. Os já citados PCNs, afirma sobre as experiências em sala de aula o seguinte:

> Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua auto-estima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar – e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas. (BRASIL, 1997, p. 51).

Portanto, repensar as partes constituintes do livro, seja ele didático ou literário a ser utilizado na educação atual caracteriza o rompimento de barreiras que distanciam os alunos e os leitores do respeito às diferenças e permitir dar oportunidade de que os novos leitores possam desfrutar dos conteúdos abordados nas obras, interpretando, refletindo e questionando, para elaborar novas concepções à pluralidade cultural brasileira.

A literatura de modo geral, encontra-se povoada por estigmas de todos os tipos. Em José de Alencar, nota-se a figura do gaúcho sem subjetividade, por exemplo. Além desse, figuram no contexto literário o sertanejo ingênuo, o português rústico e o nordestino retirante. Quanto à representação do negro, existem duas concepções de autores diferentes; uma delas representando o negro a partir de estereótipos que apenas reproduzem o modelo social e hierarquizante, caracterizada pela inferioridade, submissão e ignorância; e uma outra, que tenta subverter essa representação.

Portanto, a adequação dos conteúdos dos livros que abordam essa temática ao contexto social para o qual se destina deve constituir-se prioridade tanto na prática docente como em todos os meios sociais. Essa questão torna-se necessária principalmente na escola, e enfrentá-la seria então, em primeiro lugar, criar a possibilidade de reequacioná-la diante da opinião negativa sobre o negro frequentemente veiculada na mídia. De todo o exposto neste trabalho, pode-se eleger como proposta de trabalho pedagógico, uma nova abordagem sobre a forma como o negro é representado na produção literária infanto-juvenil.

Ao trabalhar essa temática, o professor além de destacar aspectos positivos da leitura, poderá destacar dentro das narrativas, elementos que reforçam o preconceito e a discriminação, e, a partir daí, buscar reconstruir essa posição ideológica.

Nessa perspectiva, os procedimentos narrativos poderão ser utilizados para denunciar o racismo. Dessa forma, o professor auxiliará os leitores negros a se verem representados democraticamente nas obras. Assim, questionando e refletindo criticamente com os alunos sobre o emprego de expressões pejorativas que legitimam os estereótipos, o professor contribuirá para a disseminação ou amenização de atitudes preconceituosas e discriminatórias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura infanto-juvenil os personagens negros vêm ao longo do tempo sendo representados de forma caricaturada e estereotipada. Esse fenômeno não se restringe apenas à produção literária, mas também pode-se constatar nos diversos meios de comunicação, como televisão, teatro, cinema, entre outros.

Diante dessa realidade propôs-se um estudo sobre as representações do negro na literatura infanto-juvenil, mais precisamente sobre algumas obras infantis de Monteiro Lobato que abordam tal temática. Considera-se, nesse sentido, o papel que a literatura pode desencadear na formação da personalidade do jovem leitor, pois, a mesma literatura que em muitos casos tem servido à ideologia dominante na difusão de suas “verdades” pode também ser usada como arma de combate ao *bullying*, ao preconceito e à discriminação, seja esta racial, sexual, religiosa, social, econômica, estética, lingüística, etc. (DIAS, 2011).

Os estudos acerca da representação do negro nas obras: *Aritmética da Emília* e *Histórias de Tia Nastácia*, permitiram concluir que o negro, referido nas narrativas pesquisadas aparece de forma discreta, e na maioria das vezes, de maneira depreciativa, representando o negro numa condição inferior e desvinculada da realidade social e cultural brasileira.

Nas obras referidas da série *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, elementos fundamentais para esta pesquisa bibliográfica, pôde-se perceber com frequência a participação da personagem Tia Nastácia, caracterizada como detentora muitas vezes ao espaço da cozinha e possuidora de uma linguagem requerente de reformulação, no que diz respeito a linguagem formal, normativa. Tais características sustentam uma imagem do negro há muitos anos no Brasil, revelada muitas vezes na personalidade física e psicológica de Tia Nastácia.

Na pesquisa realizada não foi possível encontrar um personagem negro, com exceção da Tia Nastácia e Tio Barnabé (raramente citado), com nomes próprios. Os nomes dos poucos personagens negros referiam-se geralmente a cor de suas peles: preto (a), negro (a), mulato (a). Esse tipo de termos desqualifica o ser humano, tornando-o inferiorizado, o que pode interferir no processo de aprendizagem em sala de aula, se o professor não conduzir os procedimentos narrativos de forma adequada, ao abordar essas passagens, a criança não se identificará com nenhuma personagem.

Pôde-se dizer que a existência de produções literárias em que se apresentam personagens negros não é frequente ou comum dentro da pesquisa literária infantil realizada. Quando existentes, dar-se de maneira preconceituosa e inferiorizada. Com base na pesquisa realizada, as possíveis justificativas para criação de personagens literários com essas características, estão relacionadas à imagem do negro criada nos tempos da escravidão, ou seja, era tratado como animal irracional, desprovido de inteligência, de alma, de beleza e, principalmente, de direitos sociais.

A verdade é que a literatura infantil e juvenil, no Brasil, ainda representa o negro de forma preconceituosa, mesmo que sutilmente. Entretanto, alguns autores já tenham começado a criar obras que apresentam o negro de forma mais digna, destacando-o como sujeito integrante da pluralidade cultural brasileira. Esse aspecto tem-se revelado também nas produções musicais e teatrais onde essas questões ganham uma nova roupagem, versão e tratamento diferenciados.

Considerando as discussões aqui realizadas, cabe ressaltar o papel que o professor desempenha no processo de desmistificação dos valores raciais negativos evidenciados nas obras literárias e não literárias. Cabe a ele, a reformulação de conceitos étnico-raciais, a fim de formar cidadãos conscientes de seus valores. Para esta condição, o reconhecimento de suas identidades é um passo para a subversão dos conceitos de hierarquização social ainda fortemente presentes na sociedade. Pretende-se, finalmente, destacar a importância das obras de Monteiro Lobato para o público infanto-juvenil, pois as mesmas constituem-se referenciais da literatura brasileira, mas com linguagens, adaptações e cuidados necessários com a abordagem analisada, considerando-se o tempo e espaço históricos em que essas obras foram produzidas.

Não podemos negar a contribuição que Monteiro Lobato significou para o campo da literatura brasileira, e diante disso considerar o tema em estudo refletido num cuidado com o tratamento no ambiente escolar, relacionando a literatura com a realidade atual do aluno, comparando os contextos do aluno e do período em que as obras foram escritas.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BRANDÃO, Colos da Fonseca. **LDB passo a passo**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/96. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Avercamp, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Direterizes e Bases.** Decreto-Lei nº 10. 639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm > Acesso em 25/06/2011.

BORGES, Priscila dos Anjos. **Leituras lobatianas**: a formação de alunos através da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss01_09.pdf> Acesso em 19/07/2011.

CATINARI. Antonella Flavia. **Monteiro Lobato e o projeto de educação interdisciplinar.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Ciência da Literatura, Área de Concentração em Literatura Comparada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponivel em: http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/antonellaflavia_monteirolobato.pdf Acesso em: 20/06/2011.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÂES, Tereza Anália Cochar. **Português: linguagens**: literatura, gramática e redação. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atual, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 4. ed. São Paulo: IBEP, 1995.

CORREDOR, Jefferson André de Jesus. **A representação do negro na obra infantil de monteiro lobato.** Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iv/completos%5Cmesas%5CM5%5CJefferson%20Andr%C3%A9%20de%20Jesus%20Corredor.pdf> Acesso em: 15/07/2011

CUNHA, Maria Antonieta. **A literatura infantil**: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

DIAS, Léa Costa Santana. **A literatura infantojuvenil contra o *bullying***: estratégias e planos de ação. Revista Língua Portuguesa. São Paulo. n. 29. p. 51, Abril, 2011.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1995.

FARIA, Maria Alice. **Como usar literatura infantil na sala de aula**. 4. d. São Paulo: Contexto, 2004.

GOUVÊA, Maria Cristina S. de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. São Paulo, v. 31, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf Acesso em: 20/06/2011.

HERINGER, Rosana. A luta contra o racismo e pela igualdade racial no Brasil a partir da redemocratização. In: ANTUNES, Marta; ATHIAS, Renato; ROMANO, Jorge O. (Orgs). **Olhar crítico sobre participação e cidadania**: trajetórias de organização e luta pela redemocratização da governança no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luis. **Monteiro Lobato**: Livros a Livro. 1. reimpressão. São Paulo: ed. UNESP: 2009.

LIMA, Roberta de Abreu. Os negros rumo ao topo. Revista Veja. 2179 ed. n° 34, Ago, 2010, p. 133.

LUIZ, Fernando Teixeira. **A poética do jeca**: Monteiro Lobato e sua fantástica teoria da arte. Revista Literatura. n° 36, Maio 2011 p. 35.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____, Monteiro. **Aritmética da Emília**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Ministério da Educação, Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivo/MUNANGA%20K%20%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20capa).PDF> acesso em: 17/06/2011.

_____, Kabengele (Org.). **Historia do negro no Brasil**: o negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares. Ministério da Cultura, 2004.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Monteiro Lobato (1882-1948)**: Um expoente brasileiro. Disponível <http://www.graudez.com.br/litinf/autores/lobato/lobato.htm> Acesso em 19/7/2011.

ROSCHEL, Renato. **Monteiro Lobato**: Biografia, obras e estilo literário. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/monteiro-lobato.jhtm-3> Acesso em: 07/10/2011.

ZAMPARONI, V. **Os estudos africanos no Brasil**: veredas**.** São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/blogs/os-estudos-africanos-no-brasil-parte1> Acesso em 14/06/2011.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. rev. atual. e ampl. - São Paulo: Global 2003.

_____, Regina (Org.) **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.

ANÉXOS

ANÉXOS A – CAPA DO LIVRO ***ARITMÉTICA DA EMÍLIA*** (LOBATO, 1982).



ANÉXOS B – CAPA DO LIVRO ***HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA*** (LOBATO, 1995).

